

LUÍS BIGOTTE CHORÃO

PARA UMA HISTÓRIA
DA REPRESSÃO DO ANARQUISMO
EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

seguido de

«A QUESTÃO ANARCHISTA»

de

BERNARDO LUCAS

A IDEIA.

PERIODICO SCIENTIFICO.

Editor—Alfredo Ferreira de Faria.
Administrador—Eva Formosa, 523—Paris.
Typographia—Largo de S. Domingos, 74—Porto.

N.º 1


SETEMBRO DE 1896.

A questão anarchista

por

BERNARDO LUCAS.

SENHOR JUIZ:
MEUS SENHORES:

 PRESENTE causa deu-nos a todos o grande contentamento de ha pouco ouvirmos pela primeira vez n'um tribunal portuense o meu distincto collega na defeza, novo ainda, mas offerecendo já na sua juventude as mais bellas esperanças d'um luctador altivo e honesto. Além d'esse contentamento, sinto, porém, hoje como nunca o orgulho de poder reivindicar do alto d'esta tribuna a liberdade dos reus orguados ao meu patrocínio. Quando a alma dos accusados flammeja, como agora, pela santa causa da humanidade, quando a accusação, como tudo, se obstina em confundir innocentes com culpados, mas quando com este

Letra Livre

[S]er revolucionário não é ter o coração repleto de ódio nem o espírito fechado à compreensão dos nobres ideais que levantarão aos astros o ser humano. É-se revolucionário pela ideia, pela acção ou pelo sentimento; e quando deste parte a aspiração que arroja à luta e impele até ao sacrifício, a alma floresce na pureza imarcescível da bondade. Então o revolucionário sofre com todas as mágoas, junta as suas lágrimas às de todos os infelizes, faz seus todos os desesperos alheios, como para tornar mais suave o peso enorme das grandes aventuras.

Quem não há de ser revolucionário ante as profundas desigualdades que mancham a civilização actual? Seria preciso ter o coração empedernido para lhes assistir impassível. Quantas vezes, dentro mesmo dos tribunais, a alma de todos nós se confrange e revolta, ao ver a desgraça humana caindo de abismo em abismo, representada por um réu que vem expiar como sua uma culpa da sociedade inteira!

Não estranhemos, portanto, que estes homens se tenham insurgido também, ao verem uns em casa a miséria ou pouco menos, ao verem-na dia a dia a seu lado, na casa dos irmãos e companheiros, - dos que cavam a terra e não têm pão, dos que tecem a seda e o veludo e vestem andrajos (...).

(...)

A palavra anarquia, exprimindo um corpo de doutrina política, apareceu a primeira vez com Proudhon. É a fórmula de um regime de liberdade em que cada um a si próprio se governasse; corresponde ao que os ingleses designam pela expressão *self-government*.

Desenvolvimento da iniciativa individual, a mais larga descentralização administrativa, finalmente a federação das forças sociais - eis, portanto, o que se deve procurar e em verdade se destaca no anarquismo proudhoniano.

(...)

Hoje, não se está precisamente no anarquismo proudhoniano. Naturalmente, a ideia tem evoluído, mas, como outrora, também hoje não representa o caos e está longe de significar a aniquilação de todas as obras e forças

civilizadoras. A sua característica é a admissão da vida e desenvolvimento sociais sem a intervenção do Estado, cujas funções se substituem ou pela simples actividade de cada um ou pela de associações entendendo-se livremente. Neste sentido, as numerosas companhias de caminhos de ferro, entre si relacionadas por meio de correspondência, de delegados e de congressos, e tendo chegado a efectuar por acordo o transporte combinado de mercadorias e de passageiros nas suas diversas linhas, com uma harmonia a tal ponto admirável que um viajante em comboio expresso pode atravessar toda a Europa sem mudar de carruagem e um fardo pode ser remetido a milhares de quilómetros sem que o remetente tenha outra formalidade a cumprir além da de encher um pequeno bocado de papel, - estas companhias funcionando sem a existência de um governo central dos caminhos de ferro oferecem, na opinião dos anarquistas, um dos exemplos mais frisantes da possibilidade da vida social independentemente de governos. E, como exemplos, citam ainda a associação inglesa dos salva-vidas (*Life-boat Association*) e a bem conhecida Sociedade da Cruz Vermelha.¹

Em torno da ideia característica do anarquismo gravitam diversos princípios e teorias, muitas vezes tomados como parte essencial da doutrina anárquica, contra os quais se dirigem talvez de preferência os mais vivos ataques dos adversários, mas que em verdade não são exclusivo daquela doutrina. A ideia da abolição da propriedade individual está neste caso, defendem-na os anarquistas, como a defendem também os sectários de várias outras doutrinas menos avançadas.

Ocupando-nos por agora da ideia fundamental, é de justiça dizer que se pode discordar dela, mas não poderá com verdade afirmar-se que seja furto de espíritos mesquinhos ou haja para a humanidade proveito em apagá-la.

E se é preciso invocar o nome de alguém em confirmação destas palavras, seja o de Spencer que eu ofereça à consideração dos incrédulos. O grande filósofo inglês, que tão brilhantemente se destaca na ciência contemporânea, o qualificado

¹ Kropotkine, *A conquista do pão*, trad., Porto, 1896, pp. 200, 209 e 212.

de Aristóteles moderno pelo alto e largo voo do seu espírito, o "mestre de nós todos", como lhe chama Ferri, guerreia abertamente o Estado, reduzindo-lhe as funções à administração de justiça, e compreendendo, até, que esta se irá a tal ponto simplificando e reduzindo, de maneira a numa época longínqua de aperfeiçoamento social ela mesmo se tornar inútil. "Assim como, diz o ilustre filósofo, já não é hoje preciso proibir a antropologia e o fetichismo, também um dia não haverá necessidade de proibir o homicídio, o furto e os delitos menos graves que o nosso código penal recorda. Uma vez que a natureza humana, pelo seu desenvolvimento, chegue a estar de harmonia com a lei moral, não haverá precisão de juízes nem de códigos; desde que a respeito de tudo, como a respeito de algumas coisas sucede já, ela entre no verdadeiro caminho, será inútil para dirigir os homens colocar-lhes em frente a recompensa ou a pena futura".²

(...)

[Note-se] a serenidade do Visconde de Ouguela, falando a respeito do anarquismo:

"... A ameaça pendente sobre as sociedade não está na desvairada e brutal agressão devida aos explosivos, manipulados por vários loucos ou alguns fanáticos... O perigo está no antagonismo que se manifesta entre as bases, em que assentam as instituições existentes, e os princípios afirmados pela ciência em quase todas as províncias do saber. É esta discórdia insuperável que gera a anarquia, criando um desequilíbrio tão violento nas sociedades, que só poderá terminar pelo predomínio das novas doutrinas, tanto mais que as classes ilustradas clara ou ocultamente aceitam as afirmações preconizadas pela ciência.

Os anarquistas não são, pois, esses homens, que, por qualquer modo que os consideremos, pertencem aos domínios da patologia cerebral. Anarquistas são as classes ilustradas, que esposam as doutrinas modernas, estudadas em Darwin, Spencer, Haeckel e tanto outros, que, aplaudem os evolucionistas e sociologistas da

² Spencer, *La maniere et la mode, (Essais, I)*, p. 165, cit. por Ferri, *Socialismo e criminalità*, Torino, Turim, 1883, p. 207.

actualidade, e que se acham, por esse facto, em opposição aberta com todos os preceitos que ofendem a marcha da evolução".³

(...)

[Veja-se] o snr. conselheiro António de Serpa Pimentel, o chefe do partido regenerador, o digno par do reino, o ministro de Estado honorário. No seu livro sobre *O anarchismo e a questão social*, este distinto publicista reconhece que "as funções do governo e das autoridades cada vez se vão restringindo... As funções governamentais propriamente ditas - acrescenta S. Ex.^a - as que implicam com a maior liberdade civil, vão-se restringindo a manter a ordem pública, administrar justiça e defender o país contra agressões externas. Quanto mais a civilização progride e vai sendo maior o número de homens ilustrados e práticos na vida social, mais o exercício destas funções se vai restringindo. Nunca, pois, deixará de haver governos, mas cada vez mais a sua acção irá deixando de se fazer sentir. Não se chega ao ideal, mas para ele se caminha indefinidamente".⁴ É uma opinião insuspeita.

E o snr. conselheiro António de Serpa, com uma lealdade que muito o honra, não tem receio de declarar, referindo-se ao ideal anarquista: "Este ideal, praticamente irrealizável, é todavia o ideal para que caminhamos *e devemos caminhar sempre*."⁵ Tem mesmo o desassombro de declarar simpático o anarquismo, quando este defende a liberdade humana.⁶

(...)

Mas, dir-se-á, o perigo do anarquismo não está com Spencer, nem dentro da esfera especulativa onde o acompanham diversos filósofos: o mal surge na

³ Spencer, *Problèmes de morale et de sociologie*, pref., p. VII.

⁴ Conselheiro António de Serpa Pimentel, *O anarchismo e a questão social*, 2.^a ed. Lisboa, 1898, pp. 61 e 62.

⁵ *Ob. cit.*, p. 61.

⁶ *Ob. cit.*, pp. 26 e 85

propaganda, com os anarquistas militantes, ao pretenderem operar a transformação, se não a aniquilação social.

(...)

Quanto à transformação social, não se estranhará por certo que os anarquistas pretendam realizá-la, pois lógica e natural é a passagem do mundo especulativo para o mundo real. Ponto assente em filosofia se tornou para todos e em evidência o colocou Guyau, o autor de *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*, um dos mais lúcidos espíritos reivindicados pelos anarquistas que "toda a concepção é um princípio de acção". Nem se compreenderia que as concepções dos sociológicos fossem destinadas a pairar eternamente nas nuvens.

(...)

Aí está Reclus, uma das mais lídimas personagens, a atestá-lo com a afirmativa de que o primeiro facto trazido à luz pela ciência social é que nenhuma revolução pode dar-se sem uma evolução preparatória, - excepção feita, é claro, das chamadas revoluções palacianas, que não representam importância social alguma e para as quais basta por vezes o punhal afiado de um sicário.⁷

"Pode dizer-se, afirma ainda este ilustre publicista, que a evolução e a revolução são dois actos sucessivos de um mesmo fenómeno: a evolução precedendo a revolução, e esta precedendo uma evolução nova, mãe de revoluções futuras. Dar-se-ão alterações na vida sem rupturas súbitas de equilíbrio? Pois não deve a revolução suceder necessariamente à evolução, tal como o acto sucede à vontade de actuar? Uma e outra diferem apenas na época da sua aparição. Se um desmoronamento obstrói o leito de um riacho, juntam-se as águas ao de cima do obstáculo, forma-se um lago a pouco e pouco; subitamente, por infiltração no dique, o resvalar de um seixo determina o cataclismo: a barreira é impelida com violência, e o lago esvaziado volta a ser riacho. Eis uma pequena revolução... E a criança, como é que nasce? Depois de ter, durante nove meses, habitado as trevas

⁷ Elisée Reclus, *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*, 3.ª ed., Paris, 1898, p. 58.

do ventre materno, é também com violência que o abandona, rasgando o invólucro, chegando até às vezes a matar a mãe. Tais são as revoluções, consequências necessárias das evoluções que as precederam."⁸

(...)

O amor livre, proclamado pelos anarquistas, longe de ser, como à primeira impressão se pode imaginar, uma promiscuidade incondicional, significa um estado regular monogâmico, bem que profundamente diverso do matrimónio de hoje.⁹ O que se pretende apenas destruir é a actual constituição *jurídica* da família e com ela a base egoísta em que presentemente assentam as uniões conjugais. Proclama-se uma família que em sua constituição não ofenda as indicações da natureza e onde a mulher suba em dignidade e direitos.

O mesmo Jean Grave que obsidiou o governo, muito ao contrário do que talvez os obsidiados esperem dele, declara, depois de ter exposto a antinomia entre o interesse e a afeição: "Os anarquistas, que têm sido acusados de querer destruir a família, querem mas é destruir aquele antagonismo, baseá-la na afeição para a tornarem mais duradoura. Nunca sustentaram que o homem e a mulher, que estimassem viver juntos durante a vida inteira, não o pudessem fazer, em virtude de ser livre a sua união. Nunca tiveram em mente proibir ao pai e à mãe a educação dos filhos, com proclamarem a liberdades destes últimos, que não devem mais ser considerados como uma coisa, propriedade dos seus descendentes."¹⁰

⁸ *Ob. cit.*, pp. 16-17.

⁹ "El amor libre no significa mas que la supresión del código sexual vigente, la unión libre del hombre y la mujer por el tiempo que les plazca y sin intervención de terceros." Dr. E. Z. Arana, *La mujer y la familia* (conferência publicada pelo grupo de propaganda comunista anárquica "Ciencia y progreso", de Rosario de Santa Fé, na República Argentina), 1897, p. 76.

Contra a errada interpretação do amor livre anarquista protesta o conferente nas seguintes palavras: "El amor libre, tal como lo entienden algunos, es algo que no se esplica en el grado de civilizacion a que hemos llegado, es la negación del progreso en la evolución de la familia, porque importa la retrogradación de la especie humana, la *promiscuidad* de los tiempos primitivos, y contra ese concepto, tan falso como antojadizo, protesto en nombre de lo que se llama dignidad humana." *Ob. cit.*, p. 75.

¹⁰ Jean Grave, *La société mourante et l'anarchie*, Paris, 1893, p. 72.

(...)

Acerca de outra censura dirigida aos anarquistas, a propósito da negação da ideia de pátria, há também uma explicação a dar. Não querem apagar no coração humano o amor pela terra onde cada um viu a primeira luz, embora pretendam anular os obstáculos materiais e morais que de país para país separam os homens em multidões inimigas. "Sem dúvida, diz Reclus, é um sentimento natural e dulcíssimo o amor à terra natal; é uma delícia para o exilado ouvir a querida língua materna e rever tudo quanto lhe traz à ideia o lugar onde nasceu. E o homem não limita o seu amor à terra que o alimentou, à linguagem com que foi embalado. A sua alma, expandindo-se, abraça em natural impulso os filhos da mesma terra, que com ele partilham as ideias, os sentimentos e os costumes; e, se é elevada e generosa, essa alma abrasar-se-á de uma paixão de solidariedade por aqueles de quem intimamente conhece as necessidades e os desejos. Se é isto o «patriotismo», onde há homem de coração que não o sinta? Mas o pior é que quase sempre esta palavra encobre uma significação completamente diversa de «ternura pelo lugar do seu berço». Sob o nome de patriotismo e os comentários modernos de que anda cercado, disfarçar-se-ão as velhas práticas de obediência servil à vontade de um chefe, a abdicação completa do indivíduo ante os detentores do poder e ante os que pretendem servir-se da nação como instrumento cego das suas ambições."¹¹

(...)

De todas as ideias sustentadas pelo anarquistas, a que mais interessa e exaspera a sociedade capitalista predominante é por certo a abolição da propriedade privada. Esta ideia, como creio ter já dito, não é, todavia, exclusiva do anarquismo. Tem-na, por exemplo o socialismo inscrita no seu programa; e com isto não me refiro apenas ao socialismo que se diz revolucionário, mas até ao mais sereno no emprego dos seus meios reformadores.¹²

¹¹ Reclus, *ob. cit.*, pp. 113 e 117.

¹² Citando o socialismo integral de Benoit Malon. Vid. dr Afonso Costa, *A igreja e a questão social*, Coimbra, 1895.

Sem discutir agora o princípio da socialização da propriedade, o que não pode negar-se é que ele significa o esforço para a resolução do gravíssimo problema da miséria: é o pão assegurado a todos, não como um favor, mas como um direito, o fim desejado de uma grave e incomparável injustiça.